

# CASAS FAMILIARES RURAIS: DESENVOLVENDO EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE EXTENSÃO RURAL ATRAVÉS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA<sup>1</sup>

Hillesheim, Luis Pedro<sup>2</sup>  
Samua, Dionéia Maria<sup>3</sup>  
Zonta, Elisandra Manfio<sup>4</sup>  
Zonta, Volnei<sup>5</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

As Casas Familiares Rurais surgiram no sudoeste da França, a partir da reflexão de algumas famílias agricultoras diante dos problemas concretos de educação de seus filhos, pensavam numa formação que possibilitasse aos jovens uma aprendizagem prática no desenvolvimento da propriedade familiar e que recebesse ao mesmo tempo uma formação geral, social e técnica.

Assim, originou-se a Pedagogia da Alternância, a qual atendeu os anseios das famílias, pois a formação possibilitou o estudo sem perder o vínculo com a propriedade, sendo que uma semana os jovens educandos permanecem em regime de internato na Casa Familiar Rural, momento em que acontece a reflexão da realidade e o aprofundamento técnico científico e duas semanas no meio socioprofissional, desenvolvendo atividades de observação da realidade, experiências e as transformações necessárias e possíveis que oportunizarão uma dinâmica mais eficaz nos aspectos econômicos, sociais, ambientais da unidade de produção familiar e principalmente a qualidade de vida.

A Pedagogia da alternância compreende o ver, julgar e agir de cada educando em tempo real no meio presencial, ou seja, na Casa Familiar Rural e na unidade de produção familiar. As atividades do educando tanto no momento presencial como junto à família, são orientadas pela equipe de educadores, através de instrumentos pedagógicos que integram a participação da família e a convivência com o conhecimento já elaborado, científico.

Esta formação prevê a educação para vida, com o efetivo vínculo da Casa Familiar Rural com o meio e a realidade do educando. A formação é integral, através das áreas do conhecimento que são efetivadas de forma interdisciplinar. As alternâncias são orientadas pelo calendário agrícola, o que

---

<sup>1</sup> Pesquisa Aprovado pelo CNPq pelo edital 33/2009

<sup>2</sup> Coordenador da pesquisa e coordenador do Departamento de Ciências Agrárias da URI-FW.

<sup>3</sup> Bolsista da pesquisa.

<sup>4</sup> Co-orientadora da pesquisa e Coordenadora das Casas Familiares Rurais no Rio Grande do Sul ARCAFAR-SUL

<sup>5</sup> Bolsista da pesquisa e acadêmico do Curso de Tecnologia em Agronegócio da URI-FW.

permite que o educando, experimente em sua propriedade as teorias de forma prática e concreta e organize seus temas de estudo.

Diante desse contexto, apresenta-se o presente projeto de pesquisa, o qual envolverá as Casas Familiares Rurais de Frederico Westphalen e Catuípe, no Rio Grande do Sul e Modelo e Quilombo, em Santa Catarina. Essas estão localizadas em regiões onde desenvolve-se atividades da Agricultura Familiar, tendo como característica a pequena propriedade rural, baseada na mão de obra familiar e na produção de alimentos diversificados voltada para a própria subsistência. Tedesco (1999, p.23), conceitua a agricultura familiar como “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”.

Logo, estabelece-se entre os agricultores familiares e a Casa Familiar Rural um espaço sócioeducativo com ações relacionadas a Assistência Técnica e Extensão Rural-ATER, através da Pedagogia da Alternância. Para tanto, faz-se uso de instrumentos pedagógicos que dinamizam esse trabalho e contribuem para o desenvolvimento de novas práticas nas propriedades.

A pesquisa está em andamento, sendo feito um levantamento da realidade para conhecer o funcionamento e a dinâmica da formação das Casas Familiares Rurais.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Geral**

Saber como acontece o desenvolvimento de experiências e as práticas de extensão rural na formação dos jovens nas Casas Familiares Rurais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e como isso contribui no desenvolvimento das unidades de produção familiares.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Acompanhar o desenvolvimento de experiências e práticas de extensão rural e ensino nas Casas Familiares Rurais de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul;
- Analisar as CFRs do Rio Grande do Sul que trabalham com a qualificação dos jovens agricultores familiares e Santa Catarina que trabalham com a formação de técnicos na CFR;
- Destacar o que é mais relevante na formação dos jovens agricultores para que os mesmos possam desenvolver a unidade de produção familiar com qualidade.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 CASA FAMILIAR RURAL E SUA DINÂMICA PEDAGÓGICA DE FAZER ALTERNÂNCIA**

A implementação de novas tecnologias para o desenvolvimento da agricultura, fez com que o agricultor passasse produzir e viver de outra maneira. Deixa-se para traz uma produção tradicional, baseada na diversificação de culturas, sobre o aspecto ecológico, passando a convencional, com a utilização de máquinas e equipamentos modernos, adubos químicos, agrotóxicos, sementes geneticamente modificadas, com a finalidade de ampliação da produção e a obtenção de uma maior comercialização dos produtos no mercado externo.

Na década de 50, teve início a Revolução Verde, a qual propunha o desenvolvimento do capitalismo na agricultura e na pecuária, que baseia-se na produção voltada para o lucro e para o mercado, através da modificação genética vegetal e animal, aplicação intensiva de adubos químicos e venenos, a mudança na infra-estrutura agrícola e aplicação de tecnologias (GÖRGEN, 2004)

Com a implantação desse modelo tecnológico, surge a necessidade de estender ao agricultor o conhecimento sobre a existência das novas tecnologias denominadas “pacotes verdes”, abrindo espaço para a criação de um serviço de assistência técnica e extensão rural, cuja finalidade inicial era fazer com os agricultores adquirissem esses novos meios. A atuação dos profissionais era voltada para a transferência de tecnologias, com o intuito de difundir a população rural os conhecimentos capazes de contribuir na “modernização conservadora” da agricultura.

Entretanto, os agricultores eram vistos como mero depositários de conhecimento e de pacotes tecnológicos, na maioria das vezes inadequadas para as condições específicas de sua realidade e dos agrossistemas por eles manejados. A imposição desse modelo de desenvolvimento para agricultura mostrou-se excludente e concentrador de renda, além de ter acelerado os problemas ambientais e de desigualdade social.

As pequenas propriedades, em que o trabalho acontece com a utilização da mão de obra familiar, a produção voltada para a subsistência e mantendo uma baixa comercialização dos produtos para a população das cidades, então denominada Agricultura Familiar, não apresentou resultados no seu desenvolvimento em virtude de que possuíam poucos recursos financeiros e estruturais, o que

acabou levando muitas pessoas a abandonarem o campo e ir em busca de outras oportunidades no meio urbano.

Diante desses impactos causados com a modernização da agricultura envolvendo também a degradação do meio ambiente, contaminação dos alimentos com o uso intensivo de agrotóxicos, o uso irracional dos recursos naturais, começa-se a repensar um novo modo de fazer a Assistência Técnica e Extensão Rural. Freire(1983) um dos primeiros críticos do processo educacional e da extensão convencional destaca a necessidade de construir uma relação dialética entre o agricultor e o extensionista, possibilitando a construção do conhecimento a partir de sua própria realidade, valorizando os seus saberes e experiências para o desenvolvimento de novas práticas. Nesse sentido, repensa-se novas ações dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, tendo em vista um novo paradigma de desenvolvimento o qual está voltado para a preservação do meio ambiente, a utilização de tecnologias e recursos adequados a cada tipo de agricultura.

A partir de 2003, a Secretaria de Agricultura Familiar, através do Ministério de Desenvolvimento Agrário vem coordenando uma Nova Política de Assistência Técnica e Extensão Rural<sup>6</sup>, a qual visa incentivar a produção de alimentos com qualidade, adotando princípios agroecológicos, estimulando o fortalecimento da agricultura familiar e o desenvolvimento sustentável. Através dessa, busca-se uma participação maior do agricultor na construção de novas práticas, apropriadas a sua realidade, capaz de produzir e comercializar alimentos com mais qualidade, agregando mais valor a produção primária, ao trabalho do campo, possibilitando maior renda e melhores condições de vida para a população rural e urbana.

O objetivo central da NOVATER está em

Estimular, animar e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, que envolvam atividades agrícolas e não agrícolas, pesqueiras, de extrativismo, e outras, tendo como centro o fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações.(PNATER, 2003)

É necessário, portanto, que esse serviço tenha o envolvimento dos agricultores, das comunidades rurais, contemplando atividades que enfoquem o trabalho em conjunto, com encontros de discussão, aprendizado e construção de conhecimento. O desenvolvimento desse trabalho deve compreender ainda a ATER valorização da cultura e saberes já construídos pela população atendida, partindo desses para transformar as dificuldades em potencialidades.

---

<sup>6</sup> A nova política de Ater foi construída de forma participativa, em articulação com diversas esferas do governo federal, ouvindo os governos das unidades federativas e suas instituições, assim como os segmentos da sociedade civil, lideranças das organizações de representação dos agricultores familiares e dos movimentos sociais comprometidos com esta questão. (PNATER)

Nessa concepção de desenvolvimento, os serviços de Ater devem envolver o uso de instrumentos e metodologias participativas, devendo os seus agentes desempenhar um papel educativo, atuando como animadores e facilitadores de processos de desenvolvimento rural sustentável. Ao mesmo tempo, as ações de Ater devem observar as características locais, regionais das comunidades e territórios, resgatar e interagir com os conhecimentos dos agricultores familiares e demais povos que vivem e trabalham no campo em regime de economia familiar, e estimular o uso sustentável dos recursos locais. Ao contrário da prática extensionista convencional, estruturada para difundir os pacotes tecnológicos, a nova Ater pública tem a função de atuar partindo do conhecimento e análise dos agroecossistemas e dos ecossistemas aquáticos, adotando um enfoque holístico e integrador de estratégias de desenvolvimento, além de uma abordagem sistêmica capaz de privilegiar a busca de equidade e inclusão social, bem como a adoção de bases tecnológicas que aproximem os processos produtivos das dinâmicas ecológicas. (PNATER, 2003)

Dentro disso, estabelece-se uma nova práxis entre os agricultores e os agentes de Ater, em que se propõe a construção do conhecimento e práticas de maneira participativa e dialógica, num processo de ação-reflexão-ação, como podemos observar no trabalho desenvolvido nas Casas Familiares Rurais através da Pedagogia da Alternância.

A Pedagogia da Alternância abre caminhos que levam o agricultor, sua família e comunidade a criar e desenvolver formas alternativas de produção, gerando trabalho e renda o que os estimula a permanência e sucessão no meio rural. Isso se torna possível devido ao conjunto de instrumentos pedagógicos, os quais permitem ao jovem agricultor perceber o que possui na propriedade, o que a envolve nos aspectos econômicos, sociais, políticos, ecológicos e o conduz na construção de novas ações para o seu desenvolvimento sustentável.

Essa construção acontece num processo educativo dialógico, em que o educando realiza sua formação alternando os períodos de estudos na Casa Familiar Rural e outros na propriedade relacionando a sua prática com a teoria. A dinâmica dessa Pedagogia considera a realidade de cada educando, tendo como princípios a participação e organização das famílias, a educação integral, o desenvolvimento do meio e a formação em Alternância. Ela rompe com os modelos tradicionais de educação e extensão rural, atuando em espaços e tempos diferentes, utiliza atividades e instrumentos próprios que possibilitam o efetivo e verdadeiro serviço de ATER.

O processo educativo é desenvolvido em três momentos e espaços significativos:

- O meio socioprofissional familiar, onde o jovem realiza atividades e observa a própria realidade, considerando esses saberes e experiências importantes para o seu desenvolvimento;

- A Casa Familiar Rural, na qual ocorre o estudo teórico, refletindo sobre os conhecimentos já construídos em seu meio socioprofissional familiar, e que é possível problematizá-los e aprofundá-los;
- O meio socioprofissional, novamente, retornando a esse com conhecimentos novos que lhe possibilitam novas experiências sobre a prática, a fim de melhorar suas atividades e produção familiar.

Dentre esses instrumentos encontramos inicialmente a aplicação da **pesquisa participativa** com as famílias e os jovens agricultores interessados na formação da Casa Familiar Rural, quando através de um questionário traça-se o perfil existente na região, suas características e realidades. A partir disso, constitui-se o **Plano de Formação** o qual propõe para cada Alternância, um projeto de estudo no meio familiar, o que permitirá ao jovem desenvolver seu conhecimento e, partindo do seu conhecimento, chegar à curiosidade de conhecimentos de caráter técnico e científico. Os conteúdos são voltados a um tema gerador, o qual abrange as diversas áreas do conhecimento, tendo em vista à realidade do jovem e sua família.

Nas idéias de Freire (2005), os temas geradores caracterizam-se nas relações homem-mundo, representam a realidade, as ações e aspirações do ser humano, sua história, cultura, valores e concepções. Esses envolvem tema de caráter universal ou diversificadas entre si. O autor ressalta ainda, que “o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separados homens. Só podem ser compreendidos nas relações homens-mundo.”(2005, p. 114)

Outro instrumento importante, é a elaboração do **Plano de Estudo**. Partindo do espaço na Casa Familiar Rural, os monitores organizam um ambiente de reflexão com os jovens agricultores, os quais elaboram questões relativas ao tema gerador da alternância seguinte e que após serão levadas ao espaço familiar para discussão junto com os pais, respondendo de acordo com a sua realidade. Gimonet (2007, p.35) destaca a idéia de que:

Elaborar o conteúdo do plano de estudo é provocar o intercâmbio no meio do grupo, deixar que as práticas sejam expressas, as experiências, os conhecimentos, as interrogações dos alternantes a respeito do tema. É convidá-los a procurar “o porquê e o como” das coisas, as circunstâncias das ações e sua razão de ser. É ainda levá-los a avaliarem, a darem seu ponto de vista como atores socioprofissionais.

Com plano de estudo o jovem é estimulado a buscar mais informações sobre os problemas da realidade vivenciada na propriedade e comunidade. Suas questões ou conteúdos, levam os educandos, a descobrir e refletir sobre a própria prática, o que descendeia novas pesquisas, observações, questionamentos e análises de sua atividade profissional.

Ademais, ao levar o Plano de Estudo para ser discutido em família, tem-se um importante elemento para o diálogo, o que vem a contribuir num melhor planejamento, organização das atividades e repensando quanto ao futuro na propriedade. Essa re-união familiar, transforma os laços afetivos mais fortes, pais e filhos recebem atenção e aprendem a valorizar os saberes e experiências uns dos outros. Com isso, assumem responsabilidades e tomam decisões de forma conjunta, havendo um significativo crescimento pessoal e familiar.

Gadotti(1995) ressalta que

O diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas- o saber-mas um encontro que se realiza na práxis-ação reflexão – no engajamento, no compromisso com a transformação social. Dialogar não é trocar idéias. O diálogo que não leva ação transformadora é puro verbalismo.(GADOTTI, 1995, p. 15)

Após o período de alternância vivenciado na propriedade, o jovem retorna a Casa Familiar onde constitui-se um prolongamento do Plano de Estudo, a **Colocação em Comum**, outro instrumento na formação pela Pedagogia da Alternância, utilizado como forma de oportunizar a socialização e a construção de saberes entre os atores em formação. Sua função se traduz num elo de ligação no processo de formação, ou seja, qualifica a experiência da família colocado ao grupo e introduz na espaço da Casa Familiar Rural um questionamento que norteia as demais atividades da Alternância. De acordo com Gimonet (2007, p.43):

A formação alternada supõe, para o alternante, passagens e transições de um lugar de vida a outro, de um tipo de experiência a outro, de um campo de conhecimento a outro, do individual ao coletivo do grupo... Para o monitor, essas passagens e estas transições se colocam em termos de acompanhamento, de atitudes e de animação pedagógica.

O momento da colocação em comum é constituído por três pilares fundamentais: saber escutar, saber perguntar e saber falar. Articula os momentos de vivencia na propriedade e na Casa Familiar Rural. No processo de formação, esse instrumento contribui para abertura ao dialogo e a interação de novas idéias, construindo novas ações no seu meio socioprofissional.

Ainda, o jovem dispõe do **Caderno da Realidade**, instrumento no qual faz registros dos questionamentos, construções, reflexões, estudos, pesquisas e resultados obtidos no decorrer do processo da alternância. Ele possibilita a ligação entre os espaços e tempos do período em que o educando esta com a família, na propriedade e na Casa Familiar Rural. Permite que pais e filhos agricultores interajam e o dialoguem mais em seu cotidiano, observando e analisando as práticas exercidas na propriedade, explorando o saber-fazer já construído pelas famílias e abrindo caminhos para novas experiências a partir daquilo que é conhecido, apreciado e construído no espaço escolar.

Nesse contexto educativo, parte-se do conhecimento empírico para o técnico e científico – sendo que as explicações científicas e técnicas se realizam durante as alternâncias através de exercícios propostos pelos educadores. Os conteúdos são preparados em **Cadernos pedagógicos** ou em dossiê complementar, que facilitam os temas geradores do plano de formação, discutidos em cada área do conhecimento, possibilitado a ampliação e o aprofundamento do assunto com a leitura e pesquisa.

Cabe destacar, ainda, o quão fundamental é a participação, envolvimento e engajamento das pessoas ligadas a agricultura, as entidades e parcerias que juntamente com os jovens educandos pensam no desenvolvimento do meio. Por isso, acontece na Casa Familiar Rural, externa e internamente, **visitas de estudos e as intervenções externas**. Dentre esses, o primeiro instrumento, realizado em propriedade dos próprios jovens e suas famílias, ou até mesmo em empresas e entidades que estão ligadas ao tema gerador da Alternância, na qual os jovens se encontram no espaço escolar,

O segundo, denominado a Intervenção Externa, ocorre quando pessoas de diversas áreas de atuação vem a contribuir com seu conhecimento e experiência dentro do tema em questão, através de palestras, encontros, seminários, para a formação dos jovens, da família e comunidade em geral, trazendo informações e possibilitando discussões para esses, complementando aquilo que é trabalhado.

Gimonet (2007), diz que a realização de uma visita de estudos ou uma intervenção, proposta dentro do planejamento da semana, se coloca a disposição dos alternantes situações e materiais para encontrar e construir saber, por sua conta. Através desses meios, os jovens, tornam-se mais atores de sua formação, conseguem ir além do que está no papel ou na fala de um monitor.

Nesse processo educativo, as **experiências** realizadas pelos educandos no decorrer da formação são muito importantes, pois a partir delas o jovem procura comparar e evidenciar conhecimentos, permitem a análise e interpretação daquilo que acontece na prática embasado na teoria. Com esse instrumento são feitas novas práticas buscando melhorar, ainda mais, o trabalho realizado na propriedade familiar.

Vale dizer, então, que todos esses instrumentos caracterizam e fundamentam a Pedagogia da Alternância e o trabalho junto com os jovens agricultores nas Casas Familiares Rurais. Segundo Freire(1996), para ser educador é necessário dedicação, comprometimento, estudo, além disso é fundamental que haja respeito aos saberes dos educandos, tendo em vista a realidade e experiência de vida dos mesmos. O educador deve valorizar o conhecimento já construído e proporcionar a partir daquilo que já conhecem a construção de novos saberes, tendo a ciência de que os educandos são sujeitos e não objetos a serem transformados. A utilização desses meios viabilizam o exercício de novas ações nos espaços familiares e comunitários, por conseguinte, cada um desses

instrumentos tem funções significativas em todo o processo de formação dos jovens rurais, aprofundando os conhecimentos e experiências no âmbito socioprofissional.

Salienta-se que foco principal da formação do jovem agricultor é o projeto profissional de vida, sendo esse construído no decorrer das alternâncias, tendo como objetivo a qualidade de vida e a sucessão familiar. A constituição desse projeto, leva em consideração a realidade do meio em que estão inseridos, contemplando os aspectos sociais, culturais, econômicos, ambientais, técnico, científico e político, sendo um instrumento impulsionador do desenvolvimento da propriedade. Nele está imbuído toda a capacidade do educando de sistematizar os conhecimentos e aprendizados construídos no decorrer do processo educativo, contemplando as aulas teóricas e práticas, as experiências realizadas, as visitas de estudos, intercâmbios, os estágios.

Dessa forma, a NOVATER se fundamenta nos instrumentos da Pedagogia da Alternância quando, na efetiva realização desses meios cuja finalidade está no desenvolvimento sustentável, fortalecimento da agricultura familiar através da construção consistente do Projeto profissional de vida, no acompanhamento e participação dos monitores da Casa Familiar Rural e das famílias. Assim, o agricultor conhece a realidade(ação), com o Plano de Estudo, a Colocação em Comum e o Caderno da Realidade; amplia o conhecimento(reflexão), nas visitas de estudo, caderno pedagógico, reflexão sobre a realidade e do que é científico; reinventa o futuro(ação) a partir de novas ações que vão modificando e transformando essa realidade do meio rural.

Nessa perspectiva, a formação através da Pedagogia da Alternância dinamiza o processo de Assistência Técnica e Extensão Rural. Fazer a NOVATER não se reduz a estender o conhecimento conforme o modelo tradicional, mas sim considerar a realidade de cada propriedade, conduzir os agricultores a pensar suas ações, a entender o porque das mudanças e dessa forma construir junto com eles o conhecimento e novas práticas para alcançar o desenvolvimento sustentável, com melhores condições de renda e qualidade de vida. Polan Lacki parafraseando, nesse sentido, destaca que “enquanto não se formar o agricultor de nada vale ATER, financiamento, ele continuará órfã.”

A NOVATER através da Pedagogia da Alternância, compreende também o trabalho de profissionais qualificados e capacitados a atuar na formação dos jovens agricultores. No entanto, é importante que esses conheçam as necessidades e anseios dos jovens e as suas famílias, observando a sua realidade e ter em vista as condições viáveis para se conquistar o desenvolvimento e fortalecimento desse meio.

Assim como lembra Rosa (Zonta, E.; Trevisan, F.; Hillesheim, L., 2010,p.67), essa Pedagogia propoe um trabalho que abrange todas as disciplinas, atuando assim de maneira interdisciplinar e ao mesmo tempo as disciplinas precisam umas das outras para explicar um tema de forma mais completa sendo dessa forma transdisciplinar, pois considera o que atravessa um contexto, o que está

entre e o que esta bem além das disciplinas. Dessa forma, permite ir muito além do tradicional contribuindo para o aprendizado de novas práticas alicerçadas na teoria das ciências, o que são importantes para que o jovem consiga progredir em seu meio socioprofissional, levando em consideração os aspectos ecológicos, econômicos e culturais entre outros que permita viver e crescer de maneira sustentável, proporcionando à família mais qualidade de vida e renda.

Nesse sentido, um dos aspectos fundamentais na relação que se estabelece entre a Pedagogia da Alternância e a ATER está no diálogo, na construção das ações de forma participativa e consciente.

#### **4 METODOLOGIA**

A presente pesquisa: Casas Familiares Rurais: desenvolvendo experiências e práticas de extensão rural através da Pedagogia da Alternância, foi elaborada através do Edital 33/2009, do CNPq, sendo realizada no período de 2010 a 2011. Esta tem por objetivo saber como acontece o desenvolvimento de experiências e praticas de extensão rural na formação dos jovens nas Casas Familiares Rurais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Analisa ainda, como isso contribui no desenvolvimento das unidades de produção familiares.

A metodologia adotada para desenvolver a pesquisa se caracteriza por ter um enfoque qualitativo e quantitativo, sendo feito um estudo teórico sobre a Pedagogia da Alternância e a extensão rural, e a parte prática será desenvolvida em forma descritiva com estudos exploratórios com coleta, análise e interpretação dos dados que expressam a realidade pesquisada.

.Os instrumentos utilizados para o levantamento das informações serão visitas e observações nas Casa Familiares Rurais de Frederico Westphalen e Catuípe no Rio Grande do Sul e Modelo e Quilombo em Santa Catarina, além de entrevista semi-estruturada. O público alvo dessa pesquisa consistirá em uma amostragem aleatória correspondente 50% dos sujeitos envolvidos, monitores de cada Casa Familiar Rural, sendo realizado entrevista e o acompanhados nas propriedades. Além disso, serão feitas também visitas em 4 (quatro) propriedades de famílias dos jovens em formação pela Pedagogia da Alternância de cada Casa Familiar Rural com entrevistas as famílias e jovens atendidos pelo desenvolvimento das experiências e práticas de ATER-Assistência Técnica e Extensão Rural.

Dessa forma, busca-se analisar o trabalho desenvolvido na teoria e a relação com prática, através da Pedagogia da Alternância, bem como os instrumentos pedagógicos que fundamentam a Assistência

Técnica e Extensão Rural. Assim, pretende-se destacar as contribuições para o desenvolvimento da unidade de produção familiar.

## 5 RESULTADOS ESPERADOS

Com esse projeto espera-se proporcionar as Casas Familiares Rurais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul uma análise referente ao desenvolvimento das experiências e práticas de extensão rural na formação técnica e na qualificação para o agricultor buscando saber qual é a mais dinâmica no âmbito do desenvolvimento dos projetos profissionais de vida e sucessão das propriedades familiares. E assim, poder avançar quanto a formação dos jovens, pois a Pedagogia da Alternância trabalha com instrumentos próprios, porém flexíveis na questão do avanço na formação integral e no objetivo que é de capacitar o jovem e sua família para o desenvolvimento do meio em que estão inseridos.

Entre os resultados esperamos ainda o surgimento de novas atividades sócio-ambientais e econômicas para as regiões sendo provável e possível o surgimento de tecnologias para desenvolver os projetos profissionais de vida do jovem, principalmente pelo fato das regiões serem essencialmente agrícolas e dependerem do trabalho da agricultura familiar.

Ainda, possibilitar as Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil a ter dados concretos referente a formação dos jovens para saber orientar e assessorar as CFRs nas necessidades reais que as mesmas apresentam nos cursos de qualificação e no técnico.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da oprimido**. 47 ed. São Paulo: Paz e terra, 2005.

GIMONET, Jean C. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS**. Petropolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR- Associação Internacional dos Movimentos de formação Rural, 2007.

GÖRGEN, Frei Sergio A. **Os novos desafios da agricultura camponesa**. 3 ed. S/e: 2004.

ROSA, Arminda A. da. Pedagogia da Alternância e Transdisciplinaridade: uma nova proposta. In: Zonta, E. ; Trevisan, F.; Hillesheim, L. (orgs). **Pedagogia da Alternância e Agricultura Familiar. Poesias**. Frederico Westphalen: URI, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia : diálogo e conflito**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, novembro - 2007.

TEDESCO, João C. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 2 ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.